

Tratado Sobre os gigantes, de Filon de Alexandria: apresentação, tradução, notas

Treatise on the Giants, Philo: presentation, translation, notes

Cesar Motta Rios*

Resumo: A importância da obra de Filon de Alexandria ainda hoje é múltipla e real inclusive para o judaísmo. Conforme observado por David Runia (RUNIA, 1990, p. 185-186), seu estudo é válido para qualquer um que se interesse por literatura judaico-helenística, judaísmo do segundo templo, Novo Testamento, patrística e gnosticismo, cultura helenística e filosofia grega.

Palavras-chave: Bíblia. Cultura grega. Filón de Alexandria.

Abstract: The importance of the work of Philo is still real and multiple including Judaism. As noted by David Moni, his study is valid to anyone who is interested in Hellenistic Jewish literature, Judaism of the second temple, New Testament, patristic and Gnosticism, Hellenistic culture and Greek philosophy.

Keywords: Bible. Greek culture. Filón of Alexandria.

Introdução

Em alguns escritos rabínicos diz-se que Deus consultou a Torah quando se dispôs a criar o mundo. O poder criativo da Torah talvez não nos pareça tão amplo, mas é inegável a capacidade do texto sagrado para dar origem a outros textos. As interpretações são os escritos que, mais obviamente, são gerados a partir da Torah. Trata-se de um arquivo formado, ao longo de séculos, por leituras e releituras que, em estilos diferentes e com estratégias diversas, coexistem e atribuem significados, desvelam a profundidade e revelam faces diversas do texto de Moisés. A Torah, desse modo, constitui-se como um acervo acabado, nutriz de um arquivo em constante feitura, justamente por saber-se nunca perfeito.

Antigo e importante capítulo na história da interpretação judaica foi preservado para nosso tempo, ironicamente, por cristãos, qual seja, a obra de Filon de Alexandria. O filósofo viveu em uma grande colônia de judeus em Alexandria, no Egito, entre os últimos anos do primeiro século antes de Cristo, e, aproximadamente, a metade do primeiro século depois de Cristo. Conhecedor da filosofia e da literatura dos gregos, não perdeu sua identidade étnica e religiosa, embora esta possa ter assumido uma forma diferente da do judaísmo praticado pelos rabinos. Segundo Samuel Sandmel (SANDELM, 1979, p. 83), a religião de Filon não era diferente da dos rabinos, mas sua religiosidade sim.

Pela diferença de sua religiosidade, pelo uso constante de elementos da filosofia grega (platonismo, pitagorismo, estoicismo), pela adoção da *Septuaginta* e não do texto em hebraico, ou pelo uso de sua obra por alguns intérpretes cristãos (Clemente e Orígenes, por exemplo), Filon foi um pouco esquecido por parte do judaísmo em geral. Ao longo da história, parece evidente que houve um desentendimento sobre os objetivos de Filon em contraponto com a dos religiosos judeus. Na verdade, ele não queria submeter a Torah à filosofia grega. Para ele, Moisés era superior a Platão. O que almejava era lançar mão de várias escolas filosóficas gregas e seitas judaicas para expandir a Lei de Moisés no “pensamento, nos corações e no Universo” (ARNALDEZ, 1961, p. 69).

A importância da obra de Filon de Alexandria ainda hoje é múltipla e real inclusive para o judaísmo. Conforme observado por David Runia (RUNIA, 1990, p. 185-186), seu estudo é válido

para qualquer um que se interesse por literatura judaico-helenística, judaísmo do segundo templo, Novo Testamento, patrística e gnosticismo, cultura helenística e filosofia grega.

Dado que o leitor deve interessar-se por ao menos um dos temas citados, e crendo que nada melhor para conhecer alguém do que ter contato com sua própria fala, traduzo do grego e apresento um pequeno tratado de Fílon de Alexandria intitulado “Sobre os gigantes”. Estefaz parte de um grupo de mais vinte outros tratados de Fílon que chegaram até nós. Tal grupo, intitulado *Alegoria da Lei* (SANDMEL, 1979, p. 76), *Comentário alegórico de Gênesis* (BORGEM, 1997, p. 47), ou *Alegoria* (BIRNBAUM, 1996, p. 18), compreende comentários corridos que contemplam considerável parte do texto de *Gênesis* e parecem supor uma audiência com conhecimento sofisticado sobre a Torah e sobre filosofia grega. Portanto, supõe-se que foi escrito para judeus alexandrinos cultos, diferentemente de outro grupo, *Exposição da Lei*, que não requer qualquer familiaridade com o texto bíblico (BIRNBAUM, 1996, p. 18-19).

O tratado apresenta a interpretação de um trecho particularmente controverso da Torah. Embora no corpo do tratado minha tradução do texto bíblico seja feita a partir da citação de Fílon da *Septuaginta*, aqui transcrevo a tradução de *A Bíblia de Jerusalém*:

Quando os homens começaram a ser numerosos sobre a face da terra, e lhes nasceram filhas, os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram belas e tomaram como mulheres todas as que lhes agradaram. Iahweh disse: 'Meu espírito não permanecerá no homem, pois ele é carne; não viverá mais que cento e vinte anos.' Ora, naquele tempo (e também depois), quando os filhos de Deus se uniam às filhas dos homens e estas lhes davam filhos, os Nefilim habitavam sobre a terra; estes homens famosos foram os heróis dos tempos antigos. (Gn 6:1-4)

O problema central, aliado ao fato de que o texto bíblico é extremamente sucinto, é o significado da expressão “filhos de Deus”. Emanuel Araújo observa que os cristãos do século 4 e 5 (entre eles João Crisóstomo e Agostinho) quiseram entender que, ao dizer “filhos de Deus”, o texto fazia referência aos descendentes de Set, enquanto que as “filhas dos homens” eram descendentes de Caim. Contudo, nos séculos 2 e 3 (Justino, Irineu e Clemente, entre outros) predominou a idéia de que tais filhos de Deus eram anjos. (ARAÚJO, 1995, p. 132-133) Essa foi a posição de Fílon. E não poderia ser diferente, uma vez que a *Septuaginta* apresenta “anjos de Deus”, *angeloi tou theou*, como tradução para *bene ha'elohim*, que realmente significa “filhos de Deus”. O próprio Araújo, contudo, reconhece que o grupo que entende tratar-se de anjos estava certo, por ser a única alternativa razoável.

Apesar da concordância nesse ponto específico e de também usar de etimologias, o trabalho desenvolvido por Araújo segue um caminho diferente do de Fílon. Ele procura nos livros apócrifos judaicos, mais especificamente em *Jubileus* e *Enoque*, versões mais completas do mesmo evento. Segundo ele, os relatos compilados nos apócrifos são “caudatários da mesma tradição que o canônico.” (ARAÚJO, 1995, p. 139) Resumidamente, essa tradição diz que os anjos não só coabitaram com as mulheres, mas também lhes ensinaram mistérios. De tudo, o autor conclui que:

Nesse caso específico a narrativa canônica acentua o cunho moral, mas a tradição conservada nos apócrifos revela a causa primeira do castigo: o conhecimento interdito dos mistérios divinos que leva ao desequilíbrio cósmico como ameaça à Criação. (ARAÚJO, 1995, p. 141.)

Particularmente, parece-me difícil assegurar se os textos apócrifos refletem uma tradição já existente quando da escrita do texto canônico, ou se são em parte (que parte?) uma criação posterior com base nele. Mas se Araújo está certo e o texto canônico acentua o cunho moral da narrativa, Fílon o levará aos extremos em “Sobre os gigantes”.

Como disse, o que apresento é um tratado pequeno, se comparado aos demais do mesmo filósofo, mas sua leitura possibilita uma boa visão das idéias e do método de Fílon. A estrutura da exposição foi estudada por Nikiprowetzky como sendo completamente de pergunta-resposta, mas Peder Borgen a mostra mais complexa. (BORGEN, 1997, p. 122.) Creio que a análise de Borgen pode tornar a leitura mais produtiva, pelo que a apresento, aqui, de forma sucinta:

Parte Sobre os Gigantes	Versículo bíblico	Modo de Exposição
Gig. 1-5	Gn 6:1	Pergunta e resposta.
Gig. 6-18	Gn 6:2	Apresenta possível entendimento equivocado e sua refutação.
Gig. 19-57	Gn 6:3	Paráfrase do texto bíblico. Exposição paralela de Lv 18:6. Lista de referências bíblicas. Perguntas e respostas.
Tig.58-57	Gn 6:4a	Possível entendimento equivocado e sua refutação.

Como último incentivo à leitura do tratado que segue, cito Paul Ricoeur, que por si mesmo se explica:

é preciso admitir que uma Escritura virgem de toda interpretação não pode ser encontrada. Esta admissão não deve ser tomada como uma confissão de fraqueza; é preciso antes considerar a história da interpretação e a das tradições diversas que dela decorrem como constitutivas do próprio sentido das Escrituras. Disso resulta uma certa competição entre a fidelidade ao texto original e a criatividade na história da interpretação. Esse círculo rege o estatuto da tradição, segundo se veja nela a simples transmissão de um depósito imutável, ou a obra de uma interpretação inovadora sem o que a letra permaneceria morta. (RICOEUR, 1996, p. 171.)

Tradução de “Sobre os gigantes”

1 “E então aconteceu, quando os homens começaram a se tornar numerosos sobre a terra, e filhas lhes foram geradas...” (Gn 6:1) Eu acho digno que se pergunte por que, logo depois do nascimento de Noé e de seus filhos, a nossa raça avance para uma abundante população. Mas talvez não seja difícil dar a razão disso: pois sempre que o raro aparece, encontra-se o seu contrário muito numeroso.

2 Então, a habilidade de um só revela a falta de habilidade de muitos. E as obras da arte do conhecimento, boas e belas, que são poucas, revelam quão ilimitada é a oculta multidão das sem arte, sem conhecimento, sem justiça – em resumo, vulgares.

3 Ou não vêes que, também no Universo o Sol, que é um, fulgurando em luz, dispersa a vasta e

profunda escuridão que está espalhada pela terra e pelo mar? Razoavelmente, então, também o nascimento do justo Noé e de seus filhos evidencia o grande número de injustos, pois é naturalmente pelo contrário que as coisas contrárias são, sobretudo, dadas a conhecer.

4 Nenhum injusto cultiva absolutamente o gênero masculino na Vida. Mas os que são sem virilidade, sem vigor, efeminados com respeito à mente, geram fêmeas a partir de sua natureza, não tendo plantado nenhuma árvore de valor, da qual belos e generosos frutos necessariamente deviam nascer,¹ mas apenas árvores de vício e de paixões, cujos brotos são mulheres.

5 Por causa disso, dizem esses homens terem gerado filhas, mas nenhum deles um filho. Assim, já que o justo Noé, que está de todo associado ao *lógos*² perfeito e correto – e é essencialmente masculino – gera varões, fica claro que a injustiça de muitos é geradora de fêmeas: pois é impraticável virem a ser coisas idênticas de opostas, e não coisas de novo opostas.

6 “E os anjos de Deus tendo visto que as filhas dos homens eram belas, tomaram para si mulheres dentre todas as que escolheram” (Gn 6:2).³ Os que outros filósofos chamam de demônios,⁴ Moisés costuma chamar de anjos: são Vidas⁵ que voam pelo ar.

7 E ninguém suponha ser um mito o que foi dito, pois é necessário que o mundo todo, em sua totalidade, tenha vida, cada uma de suas partes primeiras e elementares contendo formas de vida próprias e adequadas:⁶ da terra, por um lado, são as formas de vida terrestres; do mar e dos rios, por outro, as aquáticas; do fogo, por sua vez, as geradas no fogo – segundo consta, estas existem principalmente nas imediações da Macedônia – e do céu são os astros.

8 Porque também estes são Vidas, todas completamente puras e divinas, motivo pelo qual se movem em círculo, o movimento mais semelhante à mente; pois cada um deles é uma mente puríssima. Então, é necessário também o ar estar cheio de seres viventes, embora tais seres nos sejam invisíveis, pois também o próprio ar não é visível aos sentidos.

9 Mas não é pelo fato de ser impossível a visão formar imagens dessas Vidas, que não existem tais Vidas no ar. É preciso que elas sejam compreendidas pela mente, para que por iguais o igual seja observado. Sendo assim, o que diremos?

10 Tudo quanto é terrestre e aquático não vive com ar e respiração? Mas como? Não é habitual, tendo sido danificado o ar, erguerem-se doenças pestilentas, como se ele fosse a causa da animação de cada ser? Mas como? Quando ele for sem mágoa e intacto, tal como costuma ser sobretudo nas brisas da manhã vindas do norte, os seres que respiram do mais puro sopro não prosperam rumo a uma maior e mais forte perpetuação?

11 Acaso, então, é razoável que aquele, pelo qual as outras formas, tanto aquáticas quanto terrestres, recebem vida, seja vazio ou desprovido de Vidas?⁷ Muito pelo contrário, mesmo se todos os outros seres vivos fossem estéreis, só o ar devia gerar seres vivos, tendo recebido as sementes da Vida por uma graça especial do criador.⁸

12 Então, algumas dessas Vidas desceram para corpos, enquanto outras nunca consideraram digno se unirem a nenhuma das partes da terra. A estas, consagradas e envolvidas no cuidado do pai, o criador costuma usar como ajudantes e servas, para tomar conta dos mortais.⁹

13 Já as primeiras, que desceram a um corpo como a um rio, algumas vezes, arrebatadas pelo movimento de um turbilhão violentíssimo, foram tragadas, outras, tendo capacidade de resistir contra a corrente, primeiro emergiram, daí se lançaram e de novo voaram lá para cima.

14 Estas são as Vidas dos que são genuinamente filósofos, que, do início ao fim, exercitam morrer para a vida do corpo, para que tomem parte da vida incorpórea e incorruptível junto do não-nascido e incorruptível.

15 As que foram lançadas ao mar, por outro lado, são as dos outros homens, que não consideram a sabedoria, tendo entregado a si mesmos a atos ao acaso e incertos. Desses, nenhum se eleva à coisa mais poderosa das que existem em nós, a Vida ou a mente. Tudo está fundamentado no nosso cadáver congênito, o corpo, ou em coisas mais sem vida que ele: falo da opinião pública, das riquezas, do poder, das honras e de tantas outras que são modeladas ou pintadas, com o engano de uma falsa opinião, por aqueles que não contemplaram as coisas belas de acordo com a verdade.

16 Então, Vidas, demônios e anjos são nomes diferentes, mas estando ciente de que são uma e a mesma coisa posta diante de nós, tu te desfarás de um pesado fardo: o medo dos demônios.¹⁰ Assim como a maioria das pessoas fala de bons e de maus demônios – e das Vidas igualmente – assim também, ao acreditar serem anjos aqueles dignos da designação, certos representantes de homens diante de Deus e de Deus diante de homens,¹¹ sagrados e sem dolo por esse serviço irrepreensível e completamente belo, bem como, por outro lado, aqueles que, pelo contrário, não são sagrados e são indignos da designação,¹² tu não errarás.

17 E testemunha em favor do meu discurso isto que é dito pelo salmista em um cântico:¹³ “Enviou para eles a cólera do ânimo dele, ímpeto, cólera e opressão... Enviadas por intermédio de anjos perversos”.¹⁴ (Sl 77:49) Esses são os perversos que se colocam o nome de anjos, que não conhecem as filhas do correto *lógos*, conhecimento e excelência, mas que seguem prazeres mortais nascidos de homens mortais. Prazeres que nenhuma genuína beleza, a qual é observada somente com o pensamento, portam, mas sim a ilegítima formosura, pela qual a percepção é enganada.

18 E todos não tomam todas as filhas, mas alguns escolheram para si algumas (específicas) dentre dezenas de milhares. Uns escolheram as mediadas pela visão, outros as mediadas pela audição, por sua vez as mediadas pelo paladar e ventre escolheram outros ainda, alguns escolheram as que estão mais abaixo do ventre, e também muitos dos que se instalam o mais longe possível agarraram as maiores, intensificando os desejos dentro de si mesmos. Porque várias, por necessidade, são as escolhas dos vários prazeres, uns se familiarizam com uns, outros, com outros.

19 Então, em seres semelhantes a estes é impraticável o espírito de Deus permanecer e perpetuar, como mostra também o próprio legislador. Porque diz: “Disse o senhor Deus: não permanecerá o meu espírito nos homens para a eternidade pelo fato de eles serem carne”. (Gn 4:3)

20 Porque há momentos em que ele fica, mas não permanece junto da maioria de nós. Pois quem é tão sem *lógos* ou sem Vida para nunca ter recebido, nem voluntária nem involuntariamente, um designo do melhor? Certamente, a repentina aparição do belo sobrevoa às vezes até os abomináveis, mas eles não podem agarrá-la e conservá-la junto de si.

21 Porque, imediatamente, ela se move e vai embora, abandonando os habitantes que tinham se aproximado e que tiveram o estilo de vida mudado quanto à lei e à justiça, aos quais não teria se aproximado, se não em vista de expor os que em vez de coisas belas escolhem as feias.

22 Diz-se “Espírito de Deus”, em primeiro lugar, referindo-se ao ar que corre por meio da terra, o terceiro elemento que flutuava sobre a água – pelo que diz no relato da criação do mundo: “O Espírito de Deus sobrevinha em cima da água.” (Gn 1:2), visto que o ar que se levanta, sendo leve, leva-se por cima da água usando-a como suporte.¹⁵ Em outro lugar se diz “Espírito de Deus” referindo-se ao conhecimento puro, do qual todo sábio naturalmente compartilha.

23 E mostra, baseado no arquiteto das obras sagradas e artífice, dizendo: “Deus chamou Beseleel e o encheu do Espírito divino, de sabedoria, de inteligência e de conhecimento para pensar sobre toda obra”. (Ex 31:2-3) Assim, pelas coisas que estão ditas se delinea o que o espírito divino é.

24 Semelhante é também o espírito de Moisés, o qual visita periodicamente os setenta anciãos, com vistas a que se diferenciem dos outros e sejam melhorados. A estes nem seria possível tornar-se verdadeiros anciãos se não ganhassem parte do plenamente sábio espírito daquele. Com efeito, é dito: “Tirarei parte do espírito que está sobre ti e o colocarei sobre os setenta anciãos.” (Nm 11:17)

25 Mas não julgues assim a remoção (de parte do espírito) como uma amputação, e que há um desmembramento. Contudo, é qual poderia ser com o fogo, que permanece no mesmo nível, não sendo diminuído em nada, mesmo que a incontáveis tochas tenha se atado. Algo semelhante é também a natureza do conhecimento. Pois tendo feito os alunos e discípulos todos hábeis, em nenhuma parte é diminuído. Mas muitas vezes ele se aperfeiçoa, como dizem serem os mananciais dos quais se extrai muita água; pois conta-se que tais mananciais, então, tornam-se mais doces.

26 Com efeito, as constantes relações, que causam treino e exercício, produzem uma completa perfeição. Se, então, o próprio espírito do mesmo Moisés, ou de algum outro nascido, fosse ser dividido, mesmo que despedaçado em tantas partes, seria reduzido.

27 Mas, agora, o espírito sobre ele é o sábio, o divino, o intacto, o indivisível, o talentoso, o que já preencheu tudo completamente. Justamente aquele que ajudando não é prejudicado, nem mesmo sendo repartido aos outros, e de novo sendo dado, é diminuído com relação à inteligência, ao conhecimento e à sabedoria.

28 Pelo que, então, é possível o espírito divino ficar em uma Vida, mas é impossível ele estabelecer-se nela, como dissemos. E por que nos admiramos? Pois não há absolutamente nenhuma outra coisa da qual seja concedida uma posse segura e firme, uma vez que as ações dos homens oscilam a cada lado, contrabalançam e aceitam variações de um tempo a outro.

29 E o maior culpado da inexperiência é a carne e a apropriação da carne. E ele concorda dizendo que “pelo serem eles carne” o espírito divino não pode se estabelecer. E, verdadeiramente, o casamento, a criação de filhos, a aquisição das coisas necessárias, a má reputação pela falta de dinheiro, os negócios (dos quais alguns são particulares e outros comunitários) e milhares de outras coisas, antes de a sabedoria ter florescido, extinguem-na.

30 Mas nada é tão prejudicial para o desenvolvimento dela como a natureza da carne. Porque a mesma se coloca como um primeiro e enorme alicerce da falta de conhecimento e de aprendizagem, sobre o qual cada uma das coisas ditas se constrói.

31 As Vidas sem carnes e sem corpos, que passam os dias no teatro do universo, desfrutam, sem que nada atrapalhe, visões e sons divinos, pelos quais já adentrou nelas um amor insaciável.

Mas quantas carregam o fardo da carne, oprimidas e pressionadas, para cima, em direção às circunferências celestes, não podem olhar; para baixo tendo sido pelo pescoço violentamente arrastadas, como se faz com quadrúpedes, na terra foram firmemente fixadas.

32 Motivo pelo qual o legislador, tendo decidido abolir tanto as relações desordenadas e ilícitas quanto as misturas, escreve um prefácio desta maneira: “Homem, homem de toda parente de sua carne não se aproximará para descobrir sua vergonha”. (Lv 18:6) Como alguém poderia exortar a desprezar a carne e as coisas da carne mais fortemente que desta maneira?

33 Contudo, não somente dissuade, mas também mostra firmemente que o homem verdadeiro nunca se aproximará voluntariamente dos prazeres amigos e parentes do corpo, mas a indiferença a estes sempre exercitará.

34 O fato de dizer não uma única vez, mas duas, “homem, homem” não é sinal de ser (o homem formado) de corpo e Vida, mas é para mostrar aquele que persegue a virtude.¹⁶ Por que realmente esse é o verdadeiro, o qual, homem, também um dos antigos,¹⁷ tendo acendido uma lâmpada ao meio-dia, aos que o questionavam dizia buscar. E o não se aproximar de toda parente da carne tem uma razão convincente. Pois algumas coisas é preciso aceitar, as necessárias para a vida, as quais, usando, poderemos viver sem doenças e de forma saudável. Mas é necessário desprezar as coisas supérfluas. Sobre elas se fixam os desejos, e com uma só investida incineram todas as coisas honestas.

35 Não se tornem homens acostumados às aspirações de todas as coisas estimadas pela carne. Porque os prazeres muitas vezes são indomáveis, como quando, à maneira dos cães, afagam e, num giro, produzem incuráveis mordidas. De modo que, abraçando a moderação, que é amiga da virtude, em vez das coisas parentes do corpo, aniquilemos a grande e infundável multidão de implacáveis inimigos. E se por acaso alguma ocasião forçar a receber mais do que as coisas moderadas e suficientes, nós mesmos não nos aproximemos. Porque diz: “não se aproximará ele mesmo para descobrir sua vergonha”.

36 É digno que se explique o que significa isso. Muitas vezes, alguns que não eram fornecedores¹⁸ possuíam uma abundância generosa de riquezas. Outros, sem perseguir a glória, foram considerados dignos de honras e louvores em público. E a outros, ainda, que nem uma pequena força esperavam, o maior vigor foi unido.

37 Aprendam, então, todos estes a não se aproximar de nenhuma intenção das coisas ditas. E isto é para não admirar essas coisas e aceitá-las com satisfação mais do que o moderado, discernindo cada um deles não somente o que não é bom, mas também o maior mal, as riquezas, a glória, o poder dos corpos. Com efeito, para os amantes da prata, por um lado, a aproximação como “parente”¹⁹ é a da prata, para os amantes da glória, por outro lado, é a da glória, já para os amantes da competição e para os amantes da ginástica é a da força. Pois já renunciaram ao melhor, a Vida, em favor das coisas piores, as sem Vida.

38 Mas quantos estão no controle de si apresentam submissas à mente, como a um líder, as brilhantes e ambicionadas prosperidades. Quando elas se aproximam, eles as recebem com correção. E quando enviadas para longe, não se aproximam, considerando que também sem elas podem ser felizes.

39 O que se achega e quer caminhar por essa trilha contamina a filosofia com uma vil glória. Pelo que é dito: “descobrir a vergonha”. Ora, como não serão visíveis e evidentes os motivos de vergonha dos que dizem ser sábios, mas que vendem sabedoria e diminuem seu valor, assim

como se diz dos que anunciam publicamente suas mercadorias no mercado, uma hora por pequeno lucro, outra por um agradável e sedutor discurso, outra, ainda, por uma inconstante esperança, que a nada se prende com firmeza, e, às vezes, por promessas, as quais em nada diferem dos sonhos?

40 O que segue, “Eu sou o senhor”, é dito com toda beleza, forte e instrutivamente. Porque, ele diz, oh nobre: oponha o bem da carne ao bem da Vida e ao do todo. Pois bem, o da carne é um prazer privado de *lógos*, enquanto o da Vida e do todo é a mente do Universo, Deus.

41 A comparação de coisas incomparáveis é uma contenda, de tal maneira que se é enganado junto da estreita semelhança. Se não alguém vai dizer que todas as coisas opostas são, na verdade, iguais a suas opostas, que as vivas são iguais às sem vida, as racionais às irracionais, as pares às ímpares, a escuridão à luz e o dia à noite.

42 E, verdadeiramente, embora seja admitido que esses pares, dessa maneira, tiveram alguma comunhão e relação genética quando da criação, Deus, contudo, nem à melhor das coisas criadas é semelhante, pois esta foi criada e será afetada, enquanto ele é não-gerado e agente sempre.

43 É bom não abandonar a fileira de Deus – na qual é forçoso que todos os que estão postados sejam os melhores – nem desertar para o prazer, covarde e banhado em lágrimas, o qual prejudica os amigos, mas é útil aos inimigos. Porque a natureza do prazer é algo estranhíssimo: aos que ele quiser dar parte dos próprios bens, a estes faz dano diretamente, mas os que porventura rapinar, a eles as maiores coisas oferece. Com efeito, prejudica quando dá, agracia quando rouba.

44 Então, oh Vida, caso algum dos encantos do prazer te convide, toma outra direção e, contratorcendo a vista, lança o olhar sobre a genuína beleza da virtude e persiste assim olhando, até que tenha se abrandado em ti o desejo, e como um bloco de ferro, ela te arraste, traga para perto e te sustente acima daquilo que almejavas.

45 E o “eu sou o senhor” deve-se escutar não somente como igual a “eu, o perfeito, incorruptível e verdadeiramente bom” – quem sustém esse sentido vai se afastar do imperfeito, do corruptível e do que está sujeito às carnes – mas também no lugar de “Eu, o chefe, o rei, o dono”.

46 Nem aos subordinados de um líder, ou aos escravos de um dono, que está presente, é seguro agir injustamente. Porque quando estiverem perto os que punem, pelo medo são controlados os que, a partir de si mesmos, não têm a natureza de reprimir-se.

47 Porque Deus, que já encheu todas as coisas, está perto. Já que ele está próximo e supervisiona, somos muitíssimo constrangidos. E se não por isso – ter cuidado com a força de seu governo, invencível, temível e inexorável nas punições, quando está disposto a usar a potência apropriada à punição – cessemos de agir injustamente, para que também o divino espírito não parta, saindo facilmente de seu lugar, mas por muito longo tempo permaneça junto de nós, como também permaneceu junto de Moisés, o sábio.

48 Porque esse faz uso de modos sereníssimos, quer esteja de pé, quer sentado, tendo a natureza de alterar-se e sofrer transformações no menor grau possível. De fato, é dito que “Moisés e a arca não foram movidos” (Nm 14:44), quer no sentido de que o sábio é inseparável da virtude, quer no de que nem a virtude é móvel nem o diligente é transformável; mas ambos estão estabelecidos na solidez do reto *lógos*.

49 E, de novo, em outro lugar: “Coloca-te tu aqui, junto de mim”. (Dt 5:31) Este é um oráculo entregue ao profeta: tanto a estabilidade quanto a tranqüilidade inabalável é aquela que está ao lado de Deus, o qual sempre está postado de forma inabalável. Porque é necessário que as coisas que são comparadas com uma régua sã sejam corrigidas.

50 Por causa disso, parece-me também que a excessiva arrogância, cujo nome é Jetro, surpreendida com o propósito invariável e igualíssimo do sábio, propósito que se mantém da mesma maneira e conforme as mesmas coisas, o censura exacerbadamente e o censura desta maneira: “Por que tu estás assentado só?” (Ex 18:14)

51 Porque alguém que viu a contínua guerra de homens (em tempo paz) -guerra não travada somente entre etnias, regiões e cidades, mas também em cada família e, mais ainda, em cada homem individualmente – e o inverno pesado e indescritível nas Vidas, o qual pelo ímpeto violentíssimo dos negócios de cada vida é ataçado, naturalmente ficou maravilhado, se alguém pode viver no inverno com um aspecto sereno, ou na onda do mar bravio com tranqüilidade.

52 Vês que nem o Sumo sacerdote *lógos*, que pode sempre se ocupar com os sagrados dogmas e dedicar tempo a estes, teve concessão para freqüentá-los a todo o momento, mas apenas uma única vez a cada ano? (Lv 16:34) Porque, de certa maneira, o contemplar o Ser com o *lógos* proferido não é algo firme, pois há duplicidade. De outra maneira, o observar o Ser sem voz, na Vida somente, é seguríssimo, pois se dispõe conforme a indivisível unidade.

53 De tal modo que, então, na maioria, quer dizer, naqueles que estão entregues às muitas imposições da vida, o espírito divino não permanece, mesmo que por pouco tempo habite aí. Só em um tipo de homem ele se faz presente, aquele que, tendo se despido de todas as coisas com nascimento, do véu interior e da cobertura da opinião pública, se achegará a Deus com o intelecto descoberto e comprometido.

54 Assim, também Moisés, tendo armado sua própria tenda fora do acampamento e de todo arraial corpóreo, quer dizer, tendo estabelecido o julgamento inabalável, começou a adorar a Deus na escuridão, lugar invisível. Depois de entrar, ele permaneceu sendo aperfeiçoado nos sacratíssimos mistérios. Mas ele se torna não somente um iniciado, mas também sacerdote e mestre de ritos divinos, os quais transmitirá em segredo aos ouvidos dos que já estão purificados.

55 Deste, então, sempre fica perto o espírito divino, guiando em todo caminho correto, mas, como eu dizia, ele se separa rapidissimamente dos outros, dos quais ele também ajustou o tempo de vida no número de cento e vinte anos. Porque diz: “Serão os dias deles cento e vinte anos” (Gn 6:3).

56 Mas também Moisés, tendo alcançado a mesma idade, deixou a vida mortal (Dt 34:7). E como pode ser razoável que os culpados sejam iguais em idade ao todo-sábio e profeta? Na presente situação, será suficiente dizer isso: as coisas homônimas não são absolutamente iguais. Com freqüência, também, já estão desunidas, por completo, no tipo. E que o ruim pode ter números e tempos iguais em comparação com o diligente, já que também são introduzidos duplamente e também os poderes estão profundamente diferenciados e separados um do outro.

57 Mas o discurso preciso sobre a idade de cento e vinte anos nós transferiremos para a pesquisa sobre a vida profética como um todo, quando nos tornarmos aptos para sermos iniciados nesse mistério. Agora falemos as coisas que seguem, na ordem.

58 “E havia gigantes sobre a terra naqueles dias”. (Gn 6:4) Talvez alguém suponha que o legislador está se referindo a coisas contadas por parte dos poetas sobre os gigantes. Mas são coisas que estão tão distantes quanto possível do moldar mitos e que são dignas de andar pelas trilhas da verdade, só desta.

59 Pelo que expulsou de sua república artes bem consideradas e escrupulosas, a pintura e a escultura, porque, falsificando a natureza da verdade, manufaturam enganos e sofismas através dos olhos para Vidas fáceis de se desviar.

60 Então, ele não põe em discussão absolutamente nenhum mito sobre gigantes, mas aquilo quer te mostrar: que alguns homens são nascidos da terra, outros do céu e outros de Deus. Da terra são os adeptos da caça aos prazeres do corpo, que perseguem o uso e deleite destes, e que são provedores das coisas que possibilitam cada prazer. Do céu são quantos são artífices, bem instruídos e amantes do aprender, pois das coisas que há em nós o celeste é a mente (e cada um dos seres do céu também é uma mente). Ela pratica a educação comum²⁰ e as outras artes todas de uma só vez, estimulando e afiando ainda mais, exercitando e disciplinando a si mesma nas coisas inteligíveis.

61 E os homens de Deus são os sacerdotes e profetas, os quais não julgaram conveniente ter parte na república do mundo e tornar-se cosmopolitas, mas, tendo ultrapassado tudo o que é perceptível aos sentidos, migraram para o mundo inteligível e esse lugar usaram como morada, registrando-se na república das formas incorruptíveis e incorpóreas.

62 Abraão, por exemplo, até dado momento, estava gastando seu tempo na terra e glória dos caldeus. Antes de ter seu nome mudado, sendo chamado Abrão, era um homem do céu, que investigava tanto a natureza etérea quanto a aérea, e examinava filosoficamente tanto as coisas que sucediam aí, quanto às causas, ou qualquer outra coisa semelhante. Por causa disso ele obteve um tratamento familiar às coisas que perseguiu. Porque “Abrão” traduzido é “pai que está no alto”, nome da “mente-do-pai” que observa, na totalidade, todas as coisas do alto e as sobre-celestes. O “pai” da composição é a mente que até o éter e ainda mais além se prolonga.

63 Mas quando, melhorado, prestes a ter seu nome mudado, torna-se homem de Deus, conforme o oráculo a ele entregue: “Eu sou o teu Deus, sê bem-gradável diante de mim, e torna-te irrepreensível”. (Gn 17:1)

64 E se o Deus do cosmos, que é o único Deus, é também Deus dele segundo uma graça especial, necessariamente, eu suponho, também ele mesmo é de Deus. Porque é chamado Abraão, que interpretado é “pai eleito do eco”, “a reflexão do diligente”; Já que foi tanto escolhido quanto purificado e é pai da voz com a qual produzimos os sons. A reflexão desse tipo está associada ao único e singular Deus, do qual se tornando assistente, endireita a vereda de toda a vida, usando o caminho verdadeiramente real,²¹ que é do único rei e todo-poderoso, sem retornar nem de desviar a nenhum dos lados.

65 Mas os filhos da terra, tendo excluído a mente do refletir, e tendo saído em exploração²² rumo à natureza sem vida e imóvel das carnes – à qual se refere o legislador: “pois se tornaram os dois uma só carne” (Gn 2:24) – adulteraram a melhor moeda e abandonaram o melhor e familiar posto, e desertaram rumo a um pior e hostil.

66 Isso, depois que Ninrode iniciou essa atividade. Pois o legislador diz que “este foi o primeiro a ser gigante sobre a terra” (Gn 10:8). E Ninrode interpretado é “deserção”. Porque não satisfez

essa Vida toda-miserável deter-se junto de nem um nem outro, depois de ir sobre os inimigos, ergueu as armas contra os amigos e fazia guerra às claras, tendo se colocado contra eles. Pelo que também o princípio do reino de Ninrode o legislador intitulou Babilônia. E “mudança” é chamada Babilônia, análoga à deserção tanto na relação de nome para nome, quando na de ação para ação. Porque transformação e mudança são preâmbulos da intenção de todo que deserta.

67 Então, a continuação seria dizer que, segundo o santíssimo Moisés, o sem valor, assim como é sem casa, sem cidade, sem instalação e fugitivo, assim também é desertor; já o diligente é firmíssimo aliado na guerra.

Tendo dito, até agora, tantas coisas, o bastante, sobre os gigantes, às coisas que seguem do discurso voltemos. É isso:²³

* **César Motta Rios** é Mestrando em Estudos Clássicos, no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG e Bolsista da CAPES.

Notas

1 Em Gn 9:20, diz-se que Noé era agricultor e que foi o primeiro em plantar uma vinha.

2 *Lógos*, em Fílon de Alexandria, além dos sentidos mais comuns (palavra, razão, discurso, arrazoado), pode designar uma Potência do Deus, a primeira depois do próprio Deus. Algumas vezes, também, parece igualar-se a anjo. Pelo que, salvo quando o sentido comum seja óbvio pelo contexto, mantenho a palavra grega transliterada.

3 A partir daqui, há uma longa preparação para a interpretação desse versículo, que se dará somente em 17.

4 O termo *daimon*, usado aqui por Fílon, refere-se a divindades que estão entre deuses e humanos. Em Os trabalhos e os dias de Hesíodo, tais seres surgem da aniquilação da raça de ouro. Não há conotação de maldade ou “personificação do mal”, como no conceito cristão de “demônio”. Cabe observar que, raramente, como em Sólon, o termo pode referir-se aos deuses olímpicos. Ver também a discussão sobre os demônios em *O banquete* de Platão.

5 *Psyché*. Aqui e em outras partes (8, 9, 11, por exemplo) o sentido seria mais claro como *ser vivo*, mas em outros trechos que dão prosseguimento à argumentação seria necessário traduzir por *alma*. Na tentativa de manter a coesão lexical entre os trechos e servir a ambos os sentidos, uso *Vida* com maiúscula, entendendo não o curso da vida. Entendo que em alguns trechos a tradução parecerá estranha, pelo que sugiro que se tenha em mente a palavra *alma* nesses momentos.

6 O trecho que segue, até o parágrafo 16, encontra um paralelo em *Sobre os sonhos I*, 135-143. Aqui, contudo, há detalhes que naquele tratado faltam, como, por exemplo, a referência aos seres que vivem no fogo.

7 Parece-me possível encontrar paralelo entre essa argumentação e a hipótese defendida em *Sobre os fôlegos*, tratado atribuído a Hipócrates. Neste, diz-se que a causa de todas as enfermidades é o ar. Em sua conclusão, pode-se ler: “Estão demonstrados os fôlegos, por todas essas coisas, sobretudo como muito atuantes. E as outras coisas como causas acessórias e secundárias. Pois o que é causa das doenças ser isso está demonstrado por mim. Eu alegava haver de assinalar a causa das doenças. E demonstrei que o sopro exercia soberania tanto em todas as coisas, quanto nos corpos dos seres vivos.” (*Peri Physon*, XV – Tradução pessoal do texto em grego) Outras comparações podem ser feitas por meio de leituras mais detalhadas, como o compartilhar do ar por parte dos seres aquáticos (III, 3), ou a terra como suporte para o ar (*idem*). Pode ser que Platão já houvesse se referido a tal tratado em *Timeu* (84 e), mas há

contestações. A argumentação de Hipócrates, por sua vez, parece, em alguma medida, recuperar idéias introduzidas por Anaxímenes de Mileto.

8 O termo traduzido por “criador” é *demiourgos*, formado por *demos* (povo, população) e *ergon* (obra, trabalho). É estritamente, portanto, o que trabalha para o povo (um artesão, um copista etc...). Contudo, também é registrado como se referindo ao “que fez o mundo”, certamente por influência de Platão, que com esse sentido o utiliza, como o que moldou idéias no mundo palpável.

9 Alguma semelhança há, creio, com a função dos demônios em Hesíodo. Pois versos de incerta ocorrência em 124-125, e certa em 254-255, assim dizem sobre os demônios: “Estes, então, fiscalizam tanto as justiças quanto as obras abomináveis / vestidos de ar, por todos os lados, vêm e vão pela terra.” Dentro da tradição judaica, talvez haja alguma sugestão nesse sentido também em Jó 1.6-8.

10 Bréhier (1950, p. 128-129) caracteriza a demonologia de Fílon como platônica com influências estoicas, e a contrapõe à de Plutarco, mais supersticiosa. Para Fílon, já que esses seres também são almas, têm alguma semelhança com os humanos, não sendo necessariamente temíveis.

11 Há uma considerável proximidade com Banquete, 202e. Em Gênesis, o sonho de Jacó com uma escada entre céu e terra, com anjos que subiam e desciam (Gênesis 28.12), parece sugerir o mesmo (ao menos Fílon acredita que sim – *Sobre os sonhos*, 141-142).

12A *designação* é justamente “anjo”. *Angelos*, em grego, comporta o sentido comum de *mensageiro* e o de *anjo*. Fílon parece referir-se à adequação do sentido comum aos seres espirituais, conforme a função que exercem. Os que são maus e chamados *anjos*, não são dignos da designação, justamente porque não cumprem a função de representar Deus diante dos homens e os homens diante de Deus. Observo que a palavra hebraica *malach* comporta ambos os sentidos comportados pela palavra grega.

13 Sigo a opção que traz, em um manuscrito, *toyto*, em lugar de *toytoi*. Seguindo esta última, a tradução seria: “E testemunha em favor de meu discurso o que é dito pelo salmista neste cântico:”

14 Faz-se necessária a tradução de *thymos* em duas palavras diferentes, uma vez que a palavra é usada, no original, também com dois sentidos bem distintos.

15 Em *Sobre os sonhos I 144*, o suporte do ar é a água, como apontado na nota 5 sobre Hipócrates.

16 Esse uso do texto da Septuaginta sem qualquer reflexão sobre a possibilidade de que a repetição se trate de um hebraísmo pode reforçar a hipótese de que Fílon desconhecia a língua hebraica. Com efeito, “*anthropos anthropos*” (homem homem), que aparece no texto grego, traduz literalmente *ish ish* do hebraico. Porém, essa mesma palavra, que significa homem, suporta outras funções mais gramaticalizadas, por exemplo, indefinir um substantivo: “*ish nabi*” significa “um profeta”. Sabe-se, então, sendo mais preciso, que “*ish ish*” é uma maneira de se expressar em hebraico “cada qual” (HOLLENBERG, 1972. p. 175). Contudo, é necessário considerar que a omissão de qualquer referência a esse hebraísmo pode ser proposital, uma vez que a mesma não contribuiria para a argumentação de Fílon, antes, a prejudicaria.

17 Diógenes, o cínico.

18 *Poristes*, fornecedores como negociantes. No plural, em Atenas, refere-se a um conselho de homens responsáveis pela providência de meios e recursos diante de necessidades dadas.

19 Ou “natural”, mas Fílon parece querer recuperar o texto citado (Lv 15:6), no qual aparece o mesmo adjetivo modificando “carne”.

20 *Ta enkyklia*, conjunto de disciplinas concernentes à formação secular e comum na paidéia grega.

21 A via real é tema retomado em *Sobre a imutabilidade de Deus*, 140-166.

22 Sigo a tradição manuscrita com *metalleysantes*, em lugar de *metalloiosantes*.

23 Fílon parece, já no final do presente tratado, propor a leitura do que o segue.

Referências

- ARAÚJO, Emanuel. O tempo em que os anjos ensinaram segredos aos homens. In: *Textos de História: Revista da Pós-Graduação em História da UnB*. v. 3, n. 1. UnB: Brasília, 1995.
- ARNALDEZ, Roger. Introduccion Générale. In: *Les œuvres de Philon d'Alexandrie*. V. 1. Paris: Éditions du CERF, 1961.
- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. Trad. port. Nova ed. revista e atualizada. São Paulo: Paulos, 2002.
- BIRNBAUM, Ellen. *The place of Judaism in Philo's thought*. Atlanta: Scholars Press, 1996.
- BORGEN, Peder. *Philo of Alexandria: an exegete for his time*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005.
- HIPÓCRATES. *PERI FUSWN*. Paris: Société D'édition "Les Belles Lettres", 1988.
- HOLLENBERG, W. *Gramática Elementar da Língua Hebraica*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1972.
- RICOEUR, Paul. Fenomenologia da religião. In: _____. *Leituras 3: Nas fronteiras da filosofia*. São Paulo: Loyola, 1996.
- RUNIA, David T. How to read Philo. In: _____ (Org.). *Exegesis and Philosophy: Studies on Philo of Alexandria*. Aldershot: Variorum, 1990.
- SANDMEL, Samuel. *Philo of Alexandria: an introduction*. New York: Oxford University Press, 1979.